

ESMOLEIROS DA CIDADE DE NAMPULA

Por Lopes Aquimo

A mendicidade é hoje, no país, um fenómeno maciço.

Existem dois tipos, que são muitas vezes, afinal, um só, de *esmoleiros*: os de todos os dias e os de sextas-feiras.

Fragmentadas as suas redes integracionais de vida num momento onde o acesso aos bens essenciais se torna cada vez mais problemático, os mendigos procuram encontrar na esmola com que sobreviver nos bordos ou nos interstícios da sociedade de bem-estar.

De uma forma geral, os esmoleiros atribuem ao Governo a responsabilidade da sua situação e defendem que o passado foi bem melhor¹.

Mas a mendicidade é não só um exercício de infra-cidadania, defensivo, como, também, um manifesto ofensivo, uma modalidade de luta táctica.

Com efeito, ela questiona as relações sociais vigentes em todos os sentidos: pelo acto, pela mão estendida, pela subserviência do pedido, pelo tom comedido da voz, pelo corpo quantas vezes arruinado, pela roupa sem idade, pela deficiência física, enfim pelo mal-estar e pela má consciência que procura implantar em quem é convidado a dar esmola. Mas trata-se de uma modalidade de luta que não ataca o sistema, antes o conforta, o mantém e o estimula a reproduzir-se: não visa a sua lógica nem pode destruí-la, antes procura usá-lo, cobrando-lhe, apenas, uma pequena renda de piedade².

A luta táctica silenciosa nos interstícios do sistema (arte do fraco, como diz Michel de Certeau³) é, aliás, exemplificada neste "diário de

campo" de Lopes Aquimo. Com efeito, M.Cinco, ouvido pelo nosso pesquisador, denuncia as mulheres jovens vestindo roupa suja e atrelando-se a crianças para ludibriar os comerciantes indianos.

Mas a tática não pode, de forma alguma, escamotear uma condição global que é cruel. Teatralizar e fazer render a ruína social nada têm de lúdico ou de estético.

Basta ter em conta, por exemplo, os deficientes físicos do "diário" de Aquimo.

Quem se preocupa com esses excluídos, quem sabe do que sofrem e do como sofrem, quem conhece as suas trajectórias de vida? Eis algumas perguntas que este trabalho, em tema uma vez mais inédito nas ciências sociais moçambicanas, percutem. O autor dar-vos-á, ainda, conta da solidariedade existente entre os esmoleiros.

- Carlos Serra

Canção de Sharifo Victor Salimo

I

Eu juro em nome de Deus
Primeiro invoco em nome de Deus e sua força
Peço por favor
Perdoa-me com a minha música
Com a minha companhia

Coro

Por favor, peço perdão
Por favor, peço perdão

II

Em Nampula cada vez mais não há serviço
Locais de trabalho acabaram por vender
Empresa está vendida
Homens e mulheres passam os dias a chorar
Pelo caminho
Devido à falta de serviço

III

Jovens querem vestir
Criar um lar também querem
Outros o trabalho é roubar
Os bêbedos vendem
Desempregados fumam suruma

Coro

Hé! há falta de serviço, Senhores!
Hé!, há sofrimentos, Senhores!
Hé!, até quando, Família!⁴

Restaurante Cristal
Avenida Paulo Samuel Kankomba
03.08.2001
9. h.

Às 9 horas instalo-me na mesa do cantinho da varanda do restaurante Cristal. Estou frente à avenida mais movimentada da cidade. O mercado central é o que mais à frente de mim está. Ao meu lado, toda requintada, há a famosíssima loja de capulanas do grupo *MBS*. Pequenos *folgados* (pessoas com dinheiro) estão também aqui sentados e vão trocando copos de cerveja ante o olhar dos famintos que não param de passar no local.

A cerca de dois metros da porta do *MBS*, o proprietário instalou uma fonte de água gelada. Qualquer um pode aí saciar a sede.

Os esmoleiros passam quase todos no local em pequenos grupos de três a cinco membros. Todos levam trouxas às costas. Com eles vão crianças, de colo ou de idades até 12 anos. Distingue-se facilmente o conteúdo das trouxas amarradas em capulanas velhas e sujas: pães e outros comestíveis.

Os cegos vão acompanhados de crianças ou amparados em outros adultos.

Há sete grupos bem diferenciados: os deficientes naturais, os deficientes de causas não naturais, os velhos, os não velhos, os não velhos nem deficientes mas carentes de tudo, os meninos da rua e os chamados deficientes mentais.

Estes dois últimos grupos são geralmente permanentes na actividade de pedintes. Há mulheres em todos os grupos menos nos meninos da rua.

Saciar a sede

A loja n.º 8 do grupo MBS montou no passeio uma fonte automática de água gelada. Todos passam no local para a beberem. Há um único copo de alumínio, partilhado por todos os passantes, incluindo os pedintes.

Durante o tempo que permaneci no local, passaram 13 grupos de esmoleiros formados por três a cinco pessoas. Todos pararam para beber.

Quem não é esmoleiro bebe do mesmo copo, não importa se leprosos se tivessem servido dele:

10.10 h.

Aproxima-se um cego cujo braço é segurado por uma criança que aparente ter 12 anos. O homem tem uma cara que parece ter sido queimada por um produto químico. A criança, vendo-me sentado, folheando o meu bloco de apontamentos, aproximou-se com o cego, ela fez um sinal como se avisasse de que tinha sido localizado um alvo. Textualmente ela disse: "*Yola vava*" (Este aqui). O velho parou e disse: "Bom dia, bom dia patrão. Estou a pedir qualquer coisa". Não tendo eu respondido, o velho repetiu a frase três vezes. Tenho chegado à conclusão de que eu não queria responder, o cego disse à criança: "*Kannakula etho*" (Não nos responde nada). O rapaz confirmou e o cego deu ordem de retirada.

Passados exactamente cinco minutos apareceu um outro cego, amparado a uma velha. O estilo de pedir é sempre introduzido pela mesma frase " Bom dia, patrão!", acompanhado com uma mão estendida.

Facto digno de menção diz respeito às crianças que integram os grupos de esmoleiros. São magras como os adultos

e sujas como os vulgares meninos da rua. Porém, distinguem-se destes últimos porque são humildes, enquanto os meninos da rua são violentos.

Por estas alturas é reduzido o número de pedintes na rua. A maioria concentra-se em algum sítio com as suas trouxas. Segui um dos grupos e à sombra de uma grande mangueira, em frente ao edifício do Pavilhão dos Desportos, ele juntou-se a outros grupos. O que aí vi foi extraordinário: redistribuíram os produtos recebidos durante a manhã. Isto é, os que tiveram mais têm o dever de partilhar com os que quase nada receberam. Não tive como disfarçar para me aproximar deles e escutar o que diziam. Por volta das 14 horas começaram a abandonar o local em pequenos grupos, como sempre, tal como haviam chegado.

07/08/2001

8 h.

Passo em revista as Avenida do Trabalho, 25 de Setembro, Continuadores e Paulo Samuel Kankomba. Apenas nesta última encontrei o meu alvo.

Encontrei primeiro sete esmoleiros, dois dos quais em cadeiras de rodas. Estão razoavelmente limpos e bem conservados. Encontrei outros sentados no passeio, quase todos na mesma zona, perto do Mercado Central. Apenas uma mulher no meio deles. Todos têm trouxas, os homens usam bengalas.

Estes esmoleiros diferem dos das sextas-feiras devido ao facto de serem permanentes no pedido de esmola. Não dizem "Bom dia, patrão". Habitualmente têm um braço estendido. Eles não escolhem o alvo, como acontece com os das sextas-feiras. Não têm horário.

08/08/2001

9 h.

Estou na estrada. Caminho lentamente ao longo da Avenida Paulo Samuel Kankomba, no troço entre a Residencial Marisqueira e a Praça da Liberdade. É um troço relativamente extenso, mas apenas encontrei sete pedintes, entre os quais apenas uma mulher. Todos estão sentados em locais diferentes. São "permanentes", creio. Todos têm trouxas, que são sacos de plástico ou de sisal. Dois têm bengalas, nenhum tem sapatos, as roupas são sujas, cheiram muito mal.

Não falam com ninguém, mantêm apenas a mão estendida aos transeuntes.

10/08/2001

8 h./Sexta-feira

Hoje é sexta-feira. A cidade acaba de despertar, é uma manhã igual a tantas outras. Os cidadãos movem-se em massa compacta no mesmo sentido, das palhotas para a cidade do cimento. Eu vou com a massa, faço parte dela, sou apenas uma molécula que se move com a maré para depois tornar a vazar.

Ao dobrar a esquina da Avenida Kankomba encontro um velho empurrando um carrinho de rodas no qual vai outro velho, o que empurra tem uma sotaina que talvez tenha sido branca, usa umas *jeans*, tem um cofio branco na cabeça e calça sapatos velhos e esburacados, os dedos dos pés estão à vista. Não duvidei de que aquela roupa foi apanhada num fardo das "calamidades". O velho que estava sentado na cadeira de rodas tinha uma capulana com a inscrição "Vota Chissano" e um par de óculos escuros como se tivesse sido operado às cataratas.

Uns passos à minha frente surge uma mulher num grupo de esmoleiros, tem um saco plástico "rambo" azul, uma fita branca no cabelo e no pescoço ostenta um amuleto (*hirisse*) para protecção contra os *shetwanes* (maus espíritos). A mulher foi juntar-se a outros dois esmoleiros, estão perto de uma loja, presente está também um velho que anda de cócoras, com um saco plástico na cabeça.

Sigo em frente, um homem sentado estende-me a mão, diz "Papá!", não lhe faço caso, o homem tem uma bengala e uma Bíblia usada. Paro para falar com ele, não responde "Bom dia!", mas olha para mim com ar admirado. É que ninguém se aproxima deste tipo de gente e o que acabo de fazer é, realmente, uma grande novidade para ele. Chama-se E.Abel, de 22 anos.

Aquimo: "Sabe ler e escrever o nome?"

E.Abel: "Sim, sei ler. Tenho a quarta classe que fiz na Escola Primária de Mutemote".

Aquimo: "Por que pede esmola só nas sextas-feiras?"

E.Abel: "Não, eu não peço só às sextas-feiras, eu peço para ter qualquer coisas que aumente o meu negócio de petróleo e cigarro, lá no bairro".

Aquimo: "Com quem vive?"

E.Abel: "Vivo com o meu mano".

Aquimo: "O que faz o seu mano, trabalha?"

E.Abel: "Trabalha, sim".

Aquimo: "O que faz ele?"

E.Abel: "Não sei bem, mas trabalha com um *monhé*".

Aquimo: "Como acha que está hoje a vida, comparando com o passado?"

E.Abel: "Hoje a vida está cada vez mais complicada. Repara que a gente caminha quase toda a cidade e não apanha

nada. Antes os monhés davam qualquer coisa. Agora que vieram os negros, tudo está complicado. Antes não havia pão, havia dinheiro e roupa. Agora, é só pão".

Aquimo: "A quem responsabiliza pela situação?"

E.Abel: "A vida que vivo e vem os outros, responsabilizo o Governo. Para mim, o Governo não nos organiza".

Aquimo: "Que devia fazer o Governo para quem pede esmola?"

E.Abel: "O Governo devia dar dinheiro a título de empréstimo, para que pudéssemos abrir negócios".

Aquimo: "O que é que você pode fazer para servir a sociedade?"

E.Abel: "Eu posso fazer machamba, tudo o que quero é uma pequena ajuda para arrancar".

Encontro um outro pedinte. Entrevisto-o. Trata-se de E.J.Viraneque, de 38 anos.

Aquimo: "Por que tem essa deficiência?"

E.J.Viraneque: "Isto foi a guerra. Eu era militar e um certo dia do ano de 1986 accionei uma mina na Província de Manica. Fui desmobilizado em 1991 depois de haver sido hospitalizado durante muito tempo, em Maputo.

Aquimo: "Por que pede esmola apenas nas sextas-feiras?"

E.J.Viraneque: "Eu peço nas sextas-feiras porque é dia sagrado, é dia de Deus. Eu peço esmola porque não tenho mãe, não tenho pai e só confio isto. Peço nas sextas-feiras porque não posso fazer qualquer outro dia. Eu não estou habituado a isto".

Aquimo: "O Sr. foi desmobilizado depois de se tornar deficiente, tem agora alguma pensão?"

E.A. Viraneque: "Não tenho pensão, só confio pedir às sextas-feiras, mesmo assim consigo tudo podre".

Aquimo: “Como é que o Sr. foi a tropa?”

E.A.Viraneque: “Fui preso”.

Aquimo: “O que acha da vida de hoje?”

E.A.Viraneque: “A vida hoje é difícil”.

Aquimo: “Como compara esta vida na cidade de Nampula com a do passado colonial?”

E.A.Viraneque: “Não posso mentir, não cheguei de ver bem o tempo colonial, mas mesmo assim sinto que cada qual hoje luta para si e Deus para todos”.

Aquimo: “A quem atribui a responsabilidade pelo que se passa?”

E.A.Viraneque: “O culpado é o Governo. Tudo é o Governo”.

Aquimo: “Que deveria fazer o Governo?”

E.A.Viraneque: “O Governo deve abrir centros de apoio e desenvolver projectos para nós. Não quer dizer que tal como somos deficientes físicos também somos na alma”.

Aquimo: “O que você pode fazer que possa ser útil à sociedade?”

E.A.Viraneque: “Oh! Eu tenho trabalho. Tenho profissão. Eu sei cavar poço até 12 metros de profundidade. Desde que cheguei apenas consegui abrir dois poços que fui pago 100 e 150 contos⁵. Agora as pessoas não me solicitam porque pouca gente sabe que eu domino esse trabalho. Não tenho como fazer para publicidade”.

Encontro um outro pedinte que também aceitou conversar. Chama-se T.A. Muacela, de 40 anos.

Aquimo: “Quando é que começou a pedir esmola? Por que é que pede às sextas-feiras?”

T.A.Muacela: “Comecei a pedir esmolas em 1989. Peço todos os dias, mas principalmente às sextas-feiras porque os Indianos só aceitam dar alguma coisa apenas às sextas-feiras”.

Aquimo :”Por que pede esmola?”

T.A.Muacela: ”Olha senhor, eu trabalhava no *Gani*, depois fui trabalhar na *Emocil* e por último fui trabalhar para o *Nasser*, onde fui expulso. Andei nas ONGs pedindo dinheiro para fazer negócios, mas tudo foi em vão. O Governo não dá ajuda de nada”.

Aquimo: “Como compara a vida na de Nampula e do país com a do período colonial?”

T.A.Muacela: “Bem, eu era criança no tempo colonial, mas posso dizer que a vida de Nampula agora é controlada por marginais. Se você vende o seu negócio e não leva a vida de marginal, até podem-te agredir e roubar o que vendes”.

Aquimo: “Há quanto tempo é deficiente?”

T.A.Muacela: “Sou coxo desde os meus cinco anos de idade”.

Aquimo: “E a quem responsabiliza pelo seu estado de vida e dos outros que também vivem à base de esmolas?”

T.A.Muacela: “Para mim, o Governo tem responsabilidade. Como eu disse, eu trabalhava. Eu sou dactilógrafo, posso trabalhar. Só para dar exemplo, quando completei 35 anos, havia admissões no Governo, fui pedir emprego, pelo menos como telefonista, simplesmente fui negado. Ninguém me explicou as razões, mas concluí que tudo se dera porque sou coxo”.

Aquimo: ”O que pensa que o Governo deveria fazer?”

T.A.Muacela: “Para mim, o *INAS* (Instituto Nacional de Acção Social) trabalha, mas o dinheiro é pouco, não chega para todos. O Governo deveria organizar-nos entre bairros e montar projectos conjuntos, nós iríamos deixar de pedir. O *INAS* é bom, mas o dinheiro não chega”.

Aquimo: “O que acha que pode fazer de útil à sociedade?”

T.A.Muacela: “Eu posso escrever à máquina, fazer negócios ou outros que o Governo achar que posso fazer, de acordo com a minha condição física”.

Depois conversei com um senhor idoso, de 70 anos de idade e que durante muitos anos foi estivador no porto da Beira. Chama-se M.Cinco.

Aquimo: “Por que pede esmola?”

M. Cinco: “Peço esmola porque já não aguento. Quando aguentava não fazia isto. Só que lamentavelmente, de trás de nós apareceram oportunistas e ladrões que nos roubam o que recebemos”.

Aquimo: “Quem são essas pessoas?”

M.Cinco: “Olha, são estas mulheres que o Sr. pode ver. São jovens, não são deficientes e aparecem com fila de crianças e roupa suja para enganar os Indianos. Assim, os Indianos ficam confusos sem saber a quem devem dar”.

Aquimo: “Com quem vive?”

M. Cinco: “Vivo com a minha sobrinha”.

Aquimo: “Por que pede apenas à sexta-feira?”

M.Cinco: “Não é bem assim, eu peço qualquer dia. O que acontece é que só na sexta-feira é que há oferta. Nos outros dias os monhés recusam”.

Aquimo: “Como era a vida na cidade de Nampula no tempo colonial, comparada com a de agora?”

M.Cinco: “No tempo colonial nós nos sentíamos bem. Os preços eram baixos, agora repare que me deste estes 500,00 Mts e não posso comprar nada se não apenas um cigarro. Nos nossos dias há estrangeiros que nos compram arroz, mas os nossos compatriotas não nos precisam. Se não fossem os estrangeiros nós estávamos mal”.

Aquimo: “A quem responsabiliza pela situação que os pedintes vivem?”

M.Cinco: “Eu pessoalmente responsabilizo a Deus pela situação que vivo, porque eu estou doente. Só que há os que fazem de propósito, como pode ver, são tantas mulheres em condições de viver em sua casa, com crianças em idade escolar”.

Aquimo: “O que acha que o Estado deveria fazer pelos deficientes?”

M. Cinco: “Para mim o Estado deveria buscar um lugar e nos agrupar. Seria um alívio para nós e reduziria a quantidade de pedintes e outros oportunistas”.

Aquimo: “O que pode fazer que seja útil à sociedade?”

M. Cinco: “Eu posso fazer machamba, nas manhãs por exemplo, posso fazer machamba e cultivar de acordo com as minhas condições de saúde”.

Mais um senhor idoso aceitou conversar, tem 79 anos de idade e vive com a esposa no bairro de Muatala. Pede esmola às sextas-feiras por causa dos oportunistas que não permitem uma boa colecta nos outros dias. Chama-se S. Narrela.

Aquimo: “Qual é a diferença entre a vida na cidade de Nampula hoje e a do tempo colonial?”

S. Narrela: “Nos tempos que lá vão só pediam os que realmente deveriam pedir. Eram deficientes, leprosos, pessoas totalmente idosas na realidade, mesmo estes não viviam aqui, estavam concentrados em Namaita, em Nicopula e Opi. Não andavam com crianças. Com pouco dinheiro que uma pessoa recebia da oferta era normal comprar uma *sem-manga* [camisa de manga curta] e ainda ter para sabão. Não é como este tempo, que tudo é difícil”.

Aquimo: “O que acha que o Estado deveria fazer pelos pedintes?”

S. Narrela: “Para mim o Estado deveria nos juntar num só lugar e arranjar-nos alguma coisa para fazer. Os que sabem alguma coisa poderiam fazer”.

Aquimo: “Como acha que poderia servir a sociedade?”

S.Narrela: “Eu faço isto porque estou pobre, antes eu não fazia isto, eu posso fazer cabos de enxadas”.

Conversei, ainda, com um pedinte de 30 anos de idade, contou que era militar e que, depois de ter accionado uma mina em 1990, ficou sem uma perna, tendo sido desmobilizado. Disse que hoje está abandonado, sem reforma e sem amparo. Chama-se A.A. Kinarere.

Aquimo: “Por que pede esmola?”

A.A.Kinarere: “Eu peço esmola porque nas minhas condições físicas não posso fazer muita coisa, sou casado, tenho três filhos e eles precisam de comer, vestir e ir à escola”.

Aquimo: “A quem responsabiliza pela situação que você e os outros vivem?”

A.A.Kinarere: “Eu penso que é o Governo. Como você pode ver, eu sou tractorista, fui levado à tropa, tive esta situação e fiquei abandonado, sem consideração, sem reforma e sem pensão. Sou casado e pai de três filhos”.

Aquimo: “Que acha que o Governo deveria fazer para solucionar o problema dos pedintes?”

A.A.Kinarere: “Se o dizer fosse o acontecer, para nos considerar o Governo deve construir um centro e levar para esse lugar aqueles que podem fazer alguma coisa. Esses podem lá produzir alguma coisa. Aqui há pessoas que têm filhos, os quais poderiam ter qualquer coisa para poderem ir à escola”.

Aquimo: ”Por que é que pede esmola só às sextas-feiras?”

A.A.Kinarere: “Nos outros dias os Indianos negam, só aceitam dar às sextas-feiras”.

Aquimo: “Por que pedem só aos Indianos?”

A.A.Kinarere: “Não pedimos só aos Indianos, nós pedimos também aos Moçambicanos, mas estes às vezes nos insultam. Mesmo os Indianos costumam perguntar por que não pedimos ao nosso Governo. Mas é difícil falar com o Governo”.

Aquimo: “De que maneira julga que pode servir a sociedade?”

A.A.Kinarere: “Eu sou tractorista e apesar da minha condição física, eu ainda posso conduzir”.

Conversei com um outro pedinte, tem 58 anos, trabalhou no viveiro do Conselho Executivo (actualmente Conselho Municipal) da cidade de Nampula. Chama-se M.João.

Aquimo: “Por que pede esmola?”

M. João: “Peço porque sou deficiente, já não posso cultivar a terra”.

Aquimo: “Quando começou a pedir esmola?”

M.João: “Comecei a pedir agora que estou velho e podre. Antes eu trabalhava e tinha meu pão”.

Aquimo: “Com quem vive?”

M. João: “Vivo com a minha esposa e seis filhos”.

Aquimo: “Por que pede às sextas-feiras?”

M.João: “Os próprios que dão recusam dar nos outros dias”.

Aquimo: “Quem são os que dão?”

M.João: “Os Indianos. Os Moçambicanos até nem querem dar a cara”.

Aquimo: “Como compara Nampula de hoje e Nampula de ontem, do tempo colonial?”

M.João: “Antes aqui não havia tantos ladrões, agora é demais. Naquele tempo a vida era mesmo melhor”.

Aquimo: “A quem responsabiliza pela situação que vive?”

M.João: “Eu não responsabilizo a ninguém”.

Aquimo: “O que acha que o Governo deveria fazer pelos pedintes?”

M.João: “Para mim o Governo deveria distribuir-nos bens e alimentos através da Cruz Vermelha. Deveríamos possuir cada um de nós um cartão de abastecimento”.

Mais um pedinte que aceitou conversar, tem 55 anos e chama-se P.Kamono.

Aquimo: “Por que pede esmola?”

P. Kamono: “Eu peço esmola porque estou pobre e não tenho ninguém para me ajudar. Estou velho e não tenho mulher, minha mulher morreu no ano passado”.

Aquimo: “Com quem vive e em que condições?”

P.Kamono: “Vivo sozinho e mal. Não tenho manta e à noite faz frio. É por isso que peço esmola para comprar lenha e comida”.

Aquimo: “Por que só pede às sextas-feiras?”

P.Kamono: “Porque nos outros dias não há nada. Eles não dão nada”.

Aquimo: “Eles quem?”

P.Kamono: “Os Brancos e os Indianos”.

Aquimo: “Como compara este tempo com o tempo colonial?”

P.Kamono: “Penso que este tempo está mais ou menos melhor, porque há segurança”.

Aquimo: “A quem atribui a culpa da situação que vive?”

P.Kamono: “Para mim é Deus o culpado”¹⁰³.

Aquimo: “O que acha que o Governo deveria fazer pelos pedintes?”

P.Kamono: “Bem, não sei, mas nós queremos ocupação”.

Aquimo: “O que pode fazer para servir a sociedade?”

P.Kamono: "Meu filho, eu estou velho, já não posso fazer nada, mas posso fazer machamba".

Um outro pedinte idoso, com 70 anos, disse que pedia esmola porque não trabalhava, vivendo com a mulher, que também é idosa. Os filhos, acrescentou, nem sempre mandavam dinheiro. Chama-se J.Kaliha.

Aquimo: "Por que pede esmola às sextas-feiras?"

J.Kaliha: "Porque nos outros dias os *monhés* não dão nada. Recusam dar e prometem dar somente na sexta-feira".

Aquimo: "Como compara a vida hoje com a vida colonial?"

J.Kaliha: "Em Nampula a vida já foi melhor naqueles tempos. Agora, a vida é difícil".

Aquimo: "Quem é culpado pela vossa situação?"

J.Kaliha: "Eu considero que o culpado é o Governo, embora não possa discutir".

Aquimo: "O que pode o Governo fazer em favor dos pedintes?"

L.Kaliha: "Deve dar-nos instrumentos de trabalho, como no meu caso, eu posso fazer peneiras, que já foi o meu serviço".

Foi, depois, a vez de R.A.Nampepe, de 40 anos.

Aquimo: "Por que pede esmola?"

R.Nampepe: "Peço porque estou pobre e deficiente. Não tenho braço, assim não posso fazer grandes trabalhos".

Aquimo: "Por que pedir esmola à sexta-feira?"

R.Nampepe: "É que nos outros dias faço outra coisa. Ensino. Dou explicações às crianças, na minha casa".

Aquimo: "Você é professor?"

R.Nampepe: "Não sou professor mas já fui alfabetizador, logo na entrada da Frelimo, quando eu vivia em Marrere".

Aquimo: “O que aconteceu com o seu braço?”

R.Nampepe: “Nem quero pensar nisso. Eu perdi o meu braço quando um dia vinha de Malema, o carro em que viajava entrou numa emboscada, ali mesmo em Karramaja, a guerra estava no seu início”.

Aquimo: “Então você dá aulas, por que continua pedindo esmola?”

R.Nampepe: “Bem eu só peço para conseguir sal”.

Aquimo: “Como compara a vida de hoje com a do tempo colonial?”

R.Nampepe: “Olha, o tempo do colono era melhor, havia respeito. Quando você queixava, o seu problema era atendido. O colono só batia quando a pessoa mexia com a vida política. Havia uma relativa segurança e os produtos não custavam tanto como hoje”.

Aquimo: “O que acha que o Governo deveria fazer para os pedintes?”

R.Nampepe: “O Governo deveria estudar mecanismos de nos ajudar, conforme aquilo que cada um pode fazer. Por exemplo, eu quero ter uma escola de explicação”.

O último pedinte com quem conversei tem 60 anos, afirmou que era pobre e que preferia pedir esmola a ter que roubar. Chama-se A.Ilavacari.

Aquimo: “Com quem vive, quem cuida de você?”

A.Ilavacari: “Vivo sozinho, lá no fundo do bairro de Muatala”.

Aquimo: “Por que só pede esmola às sextas-feiras?”

A.Ilavacari: “É porque nos outros dias procuro outras coisas em casa”.

Aquimo: “Que coisas?”

A.Ilavacari: “Costumo ir arranjar vassouras para vender.

Procuvo vasilhames de garrafas para vender às pessoas que vendem petróleo ou fazem vinho”.

Aquimo: “Quanto ganha por esse negócio, durante a semana?”

A.Ilavacari: “Depende, às vezes mesmo dez mil meticais”.

Aquimo: “Como compara a vida hoje com a do tempo colonial?”

A.Ilavacari: “Agora está tudo diferente e difícil. Eu trabalhava na cozinha do quartel-general, logo que foram os Brancos acabou o meu trabalho”.

Aquimo: “A quem responsabiliza pela situação dos que pedem esmola?”

A.Ilavacari: “Para mim é o Governo. Deixa-nos abandonados”.

Aquimo: “O que deveria o Governo fazer?”

A.Ilavacari: “Acho que o Governo deveria nos distribuir qualquer coisa, de acordo com as aptidões físicas das pessoas. Eu posso capinar ou vender”.

ESMOLEIROS DA CIDADE DE NAMPULA

1O nosso colega Aquimo trabalhou apenas com homens. Num outro trabalho do mesmo tipo, mas com mulheres mendigas, elaborado também em Nampula, Fátima Coleti apresenta-as atribuindo a Deus a responsabilidade da sua condição - nota de Carlos Serra.

2Inspirámo-nos, aqui, em Foucault, Michel, *Pourquoi étudier le pouvoir: la question du sur...*. In Dreyfus, Hubert et Rabinow, Michel, *Michel Foucault, Un parcours philosophique*. Paris: Gallimard/Folio/Essais, 1984, p.301.

3Certeau, Michel de, *L'invention...*, *op.cit.*, p.61.

4Esta letra encontra-se no "diário de campo" de um outro nosso colega, Januário Caliane. A responsabilidade da sua inclusão aqui é nossa. A tradução do Emakhwa para Português é do próprio Sharifo Salimo - nota de Carlos Serra.

5Aqui como em outros pontos, procurámos manter a fala coloquial - nota de Carlos Serra.

6Vê-se bem quanto este entrevistado, cauteloso, optou decididamente por respostas "politicamente correctas" - nota de Carlos Serra.